

Os economistas das cem maiores instituições financeiras do país revisaram ontem suas projeções para o crescimento deste ano. Segundo o boletim Focus, elaborado pelo Banco Central, o Produto Interno Bruto (PIB) de 2014 deve ter alta de apenas 0,97%, na oitava revisão para baixo consecutiva. Na semana passada, as projeções eram de uma alta de 1,05%. Para 2015, as estimativas se mantiveram em aumento de 1,5% para a economia brasileira. Em 2013, a economia apresentou expansão de 2,5%.

A revisão do crescimento para este ano deve-se especialmente à piora da confiança dos empresários e dos consumidores ao longo do segundo trimestre, quando uma série de sondagens da Fundação Getúlio Vargas (FGV), da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Confederação Nacional do Comércio (CNC) mostrou a deterioração em relação às expectativas de investimento privado e de consumo interno.

Para o Bradesco, a piora da confiança, espalhada entre os mais diversos setores da economia, para níveis apurados em 2009 logo após a crise financeira global, afetará a evolução da atividade tanto em 2014 quanto em 2015. O banco prevê expansão de 1% em 2014 e de 1,5% para o ano que vem "independentemente da definição do cenário político, tanto no âmbito estadual como federal", segundo análise do banco enviada a seus clientes. O Credit Suisse, em relatório, é mais pessimista e estima aumento de apenas 0,6% para o PIB em 2014.

Para o economista da Unicamp André Biancarelli, após uma freia quando o governo Dilma Rousseff tomou posse, em 2010, mesmo com o corte de juros e a adoção de políticas setoriais, o governo não conseguiu retomar o ritmo de crescimento dos anos anteriores, apurados na gestão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

#### Eleições e expectativas

Biancarelli, no entanto, vê que o quadro de expectativas mais negativas deve-se em boa parte aos efeitos das manifestações de junho de 2013 sobre a popularidade do governo Dilma e sobre a possibilidade de um segundo turno nas próximas eleições. "Há uma terrível má vontade do empresariado e do mercado com o governo Dilma. A partir da queda de popularidade de seu governo, a eleição de 2014 não estava mais ganha e as atitudes dos empresários influenciaram a economia", afirmou. Ele lembrou que, em 2002, em um movimento semelhante do empresariado e do mercado, a

# Mercado vê 'pibinho' para 2014

Deterioração das expectativas de empresários e consumidores levou à revisão do crescimento deste ano para taxa inferior a 1%

economia estava em situação muito pior que a atual. Mesmo assim, depois de o novo presidente eleito, a partir de 2003, a economia voltou para os trilhos, ajudada pelo cenário externo mais favorável.

O economista da Unicamp prevê que, qualquer que seja o eleito em outubro, os investimentos devem desatravar. "A economia está mais parada e a paralisação é decorrente do cenário eleitoral", disse.

Para o Bradesco, independentemente do presidente eleito em 2015, o primeiro semestre será de "ajustes importantes no lado fiscal e na política de preços administrados", o que sinalizará para "uma rápida reversão de expectativas e uma recuperação da confiança dos agentes econômicos", sem uma manutenção das expectativas no campo negativo.

O economista-chefe da Divisão Econômica da Confederação

Nacional do Comércio (CNC) e ex-diretor do Banco Central, Carlos Thadeu de Freitas, enxerga que a economia deve voltar a crescer em 2015. "Qualquer governo entrará com alguma confiabilidade. Como a inflação está caindo, pode ajudar a ter uma demanda melhor no ano que vem", completou.

Ainda que a geração de empregos formais esteja em desaceleração, Freitas vê o nível de ocupação ainda em patamar elevado. Combinado à continuidade do aumento real dos salários, mesmo que em menor magnitude do que no passado, o mercado de trabalho vai ser um combustível ao crescimento do consumo das famílias, que ainda vai sustentar parte do resultado do PIB. Para este ano, com a indústria puxando a estagnação do PIB, não haverá espaço para retomar o crescimento e os investimentos serão "fracos".

#### Economia não está 'à beira do abismo'

Já Rogério de Souza, economista-chefe do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), diz que a situação atual da economia inspira cuidados, mas não está "à beira do abismo" nem configura recessão ou estagflação, porque a perspectiva é de inflação menor à frente.

"O investimento não está forte, mas ainda se mantém. Nada é vigoroso na economia. A indústria vive um momento mais complicado e preocupante. Embora em crise, ainda não entrou num processo recessivo mais profundo", afirmou Souza. Para o economista do Iedi, é preciso restituir a confiança e "o governo precisa tomar medidas mais transparentes, por exemplo, no que toca ao Orçamento".

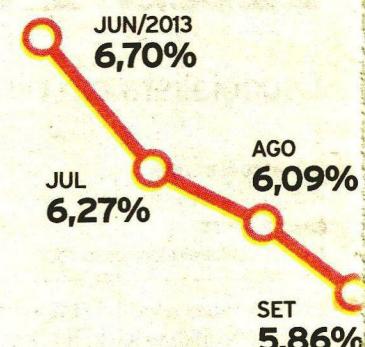
Professor de Finanças da ESPM de São Paulo, Adriano Gomes comenta que a cada divulgação de um indicador econômico, a situa-

**“**  
*O investimento não está forte, mas ainda se mantém. Nada é vigoroso na economia. A indústria vive um momento mais complicado. Embora em crise, ainda não entrou em processo recessivo”*  
**Rogério de Souza**

Economista-chefe do Iedi

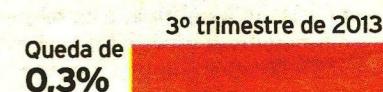


#### IPCA acumulado nos 12 últimos meses



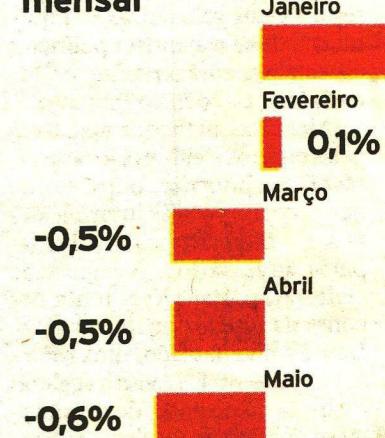
#### PIB

##### Comparação com trimestre anterior



Fonte: IBGE

#### Pesquisa industrial mensal

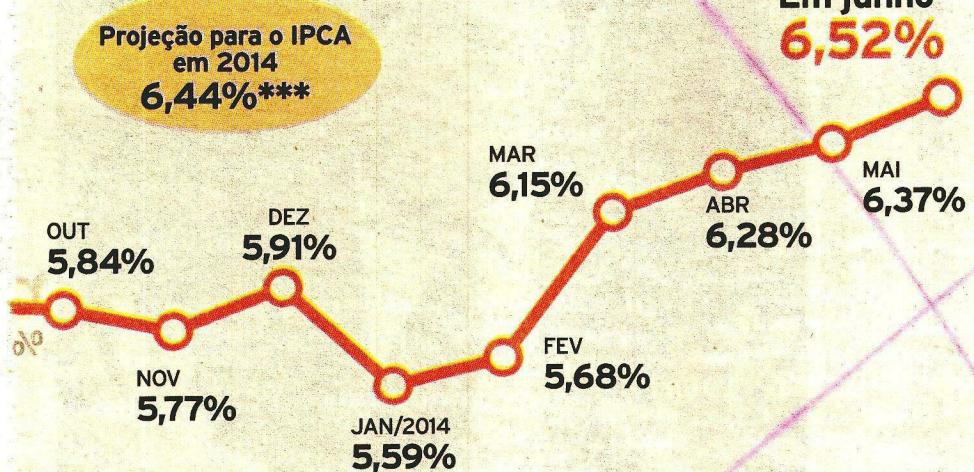


Fontes: \*Banco Central, \*\*IBGE e \*\*\*Boletim Focus

**“**  
*Há uma terrível má vontade do empresariado e do mercado com o governo Dilma. A partir da queda de popularidade, os empresários influenciaram a economia”*  
**André Biancarelli**

Economista da Unicamp

Projeção para o IPCA  
em 2014  
**6,44%\*\*\***



4º trimestre de 2013

Alta de  
0,4%

1º trimestre de 2014  
Alta de  
0,2%

Em abril  
Alta de  
0,05%

Em maio\*  
Queda de  
**0,18%**

Projeção de crescimento  
em 2014  
**0,97%\*\*\***

Fonte: Banco Central

2,4%

De janeiro  
a maio\*\*,  
queda de  
**1,6%**

